

KUDURO E SEMBA: QUANDO O CABELO CRESPADO ENTRA NA DANÇA

EVERTON ARRUDA IRIAS



O presente relato descreve uma experiência na EMEF Raimundo Correia, pertencente à Diretoria Regional de Educação de São Miguel Paulista, na cidade de São Paulo, envolvendo três turmas de 1º Ano do Ensino Fundamental, e se deu ao longo do segundo semestre de 2022.

Nas reuniões de replanejamento que ocorreram no retorno ao segundo semestre, o grupo docente, incentivado pelo engajamento pedagógico da coordenadora da escola, decidiu definir um tema para direcionar as ações didáticas visando, principalmente, um evento cuja culminância ocorreria no Dia da Família¹. O tema seria “A África que o Brasil não conhece”. Vale salientar que, no ano anterior, tivemos uma experiência semelhante quando todo o coletivo direcionou suas ações nos meses finais do ano para trazer discussões junto aos/às estudantes acerca do Dia da Consciência Negra, culminando também com um evento que expôs as produções e aprofundamentos das crianças a respeito do tema.

Já nestas primeiras reuniões de replanejamento, as professoras e os professores se mostraram bastante ansiosos com relação ao modo como poderia acontecer o evento de finalização e, naquele momento, ficou decidido que cada ano/série ficaria responsável por aprofundar os conhecimentos a respeito de um determinado país africano. Percebendo a inviabilidade de conseguir se relacionar com o projeto desta maneira, professores e professoras das diferentes áreas de conhecimento, que transitam por muitas turmas, decidiram que buscariam definir temas de estudo que, de alguma

¹ Data prevista em calendário promulgado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

maneira, dialogassem com o projeto em questão sem que, necessariamente, este tema estivesse atrelado com o país estudado por cada turma.

Tendo em vista estes direcionamentos, estabelecemos algumas rodas de conversa com o(a)s estudantes. Para a definição do nosso tema de estudo, considerei também as práticas corporais já estudadas no ano em questão: peteca e ginásticas. Sendo assim, inicialmente, analisamos imagens de lutas e danças que ocorrem em diferentes regiões do continente africano. O foco neste momento eram práticas corporais locais e não danças e lutas que tivessem um caráter mais global. Aproveitamos este momento também para ver o mapa deste continente e localizar os países onde cada uma destas práticas corporais ocorriam. Como era de se esperar, o(a)s estudantes desconheciam as danças e lutas apresentadas, vale dizer que eu também necessitei de muitas pesquisas para conseguir encontrar as referências das lutas e danças apresentadas nas imagens, tendo em vista que boa parte delas também eram desconhecidas para mim. Conversamos inclusive sobre isto: por que desconhecíamos práticas corporais oriundas de países africanos e, em contrapartida, possuíamos muitos conhecimentos acerca de danças europeias como, por exemplo, o balé, ou lutas orientais, como o karatê?

Mediante essas nossas rodas de conversa e após me apropriar um pouco mais dos conhecimentos referentes às danças e lutas africanas, defini como tema de estudo a dança angolana kuduro. Segundo algumas fontes acessadas², o contexto de origem desta dança, assim como sua ascensão, possuía bastante semelhança com o funk. Além disso, há tempos, este estilo musical foi bastante divulgado no Brasil, depois que embalou uma trilha musical de abertura de uma novela.

Assistimos alguns vídeos mostrando ocorrências da dança e, a partir das representações dos estudantes, vivenciamos a mesma, sem nos

² Marcon, F.; Tomás, C. 2012. *Kuduro, juventude e estilo de vida: estética da diferença e cenário de escassez*. Tomo (UFS), pp. 137-167.

Marcon, F. *O kuduro, práticas e ressignificações da música: cultura e política entre Angola, Brasil e Portugal*. Hist. R., v.18, n.2, p. 377-397, jul/dez, Goiânia/2013

Faria, D. C. *O local e o global no funk brasileiro e no kuduro angolano*. Dissertação (Mestrado) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2014.

preocupar com gestualidade, técnicas etc. O ritmo agitado e contagiante das músicas acabou trazendo empolgação para as crianças que, no geral, se envolveram nestas primeiras vivências.



Numa das nossas aulas, observamos imagens com diferentes cenários de Angola, desde algumas de suas praias, fotos de sua capital, Luanda, até imagens da população e de alguns povos que compunham este país. A ideia, a princípio, era fazer circular imagens de países africanos que se contrapunham com fotos e publicações que costumeiramente acessamos em desenhos, filmes, e outros suportes midiáticos de grande circulação.

Observamos o vídeo “Aprenda a dançar kuduro”, da TV Brasil, com demonstrações de gestos presentes na dança, ensinado por dançarinos e dançarinas angolanas: gato preto, açúcar, ndombolo, comboio, jaracuz, vamolá. As crianças vivenciaram estes gestos, primeiramente, olhando para os vídeos, e depois de maneira mais espontânea, recriando os mesmos de acordo com a própria vontade.

Numa destas aulas, enquanto assistíamos um dos vídeos, a aluna Ana Caroline saiu de sua cadeira para vir conversar comigo: “professor, o Samuel está dizendo que meu cabelo é ruim”. Interrompi o vídeo para conversarmos sobre esta acusação da Ana. Busquei mostrar às crianças que aquela era uma fala racista, analisando sempre a fala e não a criança que a tinha proferido. Entretanto, naquele momento, não sabia se aquela fala tinha sido despertada pelo tema das nossas aulas, tendo em vista que a maior parte dos vídeos mostrava pessoas negras retintas praticando

kuduro, ou se já era algo recorrente e estava relacionado com a conduta daquele aluno. Conversei com a professora regente sobre o ocorrido e ela me disse que já havia percebido algumas falas deste e de mais um aluno com um teor pejorativo e preconceituoso, mas que não havia escutado está frase em específico. Ela me disse que buscava conversar com as crianças sobre este e outros temas, e proporcionava leituras de livros infantis que problematizavam as questões de raça, gênero, etc. Conversamos sobre a necessidade de mantermos ações de diálogo com o(a)s estudantes e de enfatizarmos a escolha de materiais didáticos que fomentassem outras representações acerca das pessoas negras e, mais especificamente, relacionadas ao cabelo crespo.

Dias depois, esta mesma professora me procurou para dizer que foi interpelada pela mãe da Ana Caroline que abatida, e com a garota chorando ao seu lado, disse que eram constantes os episódios de ataques verbais e não-verbais à Ana Caroline, feitos por outra aluna da sala. A mãe dizia que buscava conversar com a Ana, a fim de orientá-la, dar-lhe forças, enfatizar a sua beleza e sua raça, dizia inclusive que ela não deveria mudar de carteira na sua sala, pois quem estava errada era a aluna que lhe atacava, e que sentava ao seu lado e, por isso, era ela quem deveria mudar de local. No entanto, a situação já estava ficando bastante difícil, e a Ana não estava se sentindo nada bem. Toda esta situação sensibilizou bastante a maior parte do grupo docente e a gestão escolar. Coordenadora e diretora fizeram as devidas intervenções junto a família da aluna que era causadora das agressões.

Nesse interim, conversei com a professora de Língua Portuguesa Aline, uma pessoa negra que circula pela escola com seus longos cabelos crespos à mostra, algumas vezes soltos, outras vezes amarrados e outras com turbantes. Ela era uma professora que possuía bastante leitura relacionada às questões raciais, e tinha contato com grupos culturais que se apoiam nas produções de pessoas negras. Inicialmente pedi algumas orientações de como poderíamos intervir no caso que estava acontecendo. Em seguida, pedi que ela pudesse participar de uma de nossas aulas, para conversar com as crianças a respeito das suas experiências com seu cabelo crespo, ao longo de sua história. Minha solicitação foi prontamente atendida por ela.

Na conversa com a Aline, convergimos na ideia de que aquele caso não deveria ser tratado como algo pessoal, referente somente a garota que proferiu as ofensas. Era importante que durante as aulas, o(a)s professor(a)s que passassem pela sala, fizessem circular outras representações acerca das pessoas negras e do cabelo crespo, e que, preferencialmente, divergissem das representações negativas e ofensivas que até então permeavam o pensamento de algumas crianças da turma. Sendo assim, propus um novo diálogo com a turma, direcionado por dois vídeos. O primeiro deles se tratava de trechos do [documentário](#) “Mulher de Cabelo Crespo”, onde algumas mulheres negras relatavam experiências negativas e positivas com relação aos seus cabelos crespos. O segundo vídeo era um [videoclipe](#) da banda *Lázaro Ramos e As Viagens da Caixa Mágica*, com a música “Denguindacho”. O início da conversa suscitou algumas falas interessantes das crianças referente aos seus cabelos: “*Olha o meu cabelo professor, eu gosto dele*”; Entretanto, com o decorrer da conversa as falas acabaram desviando para assuntos que não diziam respeito a aquele conteúdo.

Numa data previamente agendada, a Aline participou de uma roda conversa com a turma. Ela só poderia num dia da semana específico, e em um determinado horário e, por isso, infelizmente, coincidiu com uma aula minha em outra turma na qual, por alguns motivos, não pude me ausentar. Mesmo assim, a Aline participou da roda de conversa acompanhada pela professora regente. Depois, dialoguei com todas as partes: crianças, professora regente e Aline. No mesmo dia em que ocorreu esta entrevista, encontrei algumas crianças no momento do intervalo e algumas vieram correndo me contar o teor da conversa: “*Foi muito legal professor, ela passou tocando nos nossos cabelos*”; “*Ela disse para o Davi que não existe cabelo duro, que duro é madeira, pediu até para ele dar um toque na mesa para perceber o que era duro*”. O retorno da atividade parecia bastante positivo. Já a Aline, por lecionar apenas com estudantes do Ensino Fundamental II, ficou receosa com algumas de suas ações e falas com as crianças pequenas. Em conversa com ela, me disse que ficou temerosa com o fato de ter tocado no cabelo das crianças, pois isso poderia causar uma certa repercussão com os pais, já que se tratavam de crianças pequenas. No entanto, em meio a

nossa conversa, consegui acalmá-la com relação a isso, e agradecê-la pela intervenção que, a meu ver, foi muito significativa.

Em meio a todas estas ações, continuamos as nossas vivências da dança estudada, conhecendo novos gestos com vídeos da dançarina angola Rubina Suzeth, foram eles: “[Escorrega tutorial _ kuduro & afrohouse](#)”, “[Martelo tutorial _ kuduro \(afrohouse\)](#)” e “[Mordilhas tutorial _ kuduro \(afrohouse\) 2022](#)”.



Mediante a análise de imagens, conversamos sobre uma possível história de origem do kuduro. De acordo com o material acessado, o ritmo havia surgido nos musseques, bairros periféricos de Luanda, que carecem de estrutura urbana e de investimentos por parte do governo. A união de ritmos africanos com batidas eletrônicas que passaram a circular pelas rádios angolanas, deu origem a um estilo de música e dança contagiante. Tony Amado teria sido o precursor de um certo estilo de dançar, ao se inspirar na cena de um filme hollywoodiano, onde o ator Van Dame dança com pouca desenvoltura, segundo o próprio Tony Amado. Para ele, os gestos do autor eram muito endurecidos, principalmente, na região do quadril. Ao reproduzir estes gestos, nomeou de kuduro.

Como foi supracitado, as semelhanças com o funk brasileiro são destacadas em várias referências bibliográficas, no que diz respeito aos locais em que o ritmo e a dança eram praticados, a produção das músicas que ocorriam dentre das próprias casas nos musseques, que se tornaram

pequenos estúdios de edição, e a propagação do ritmo, que atingiu um cenário global.

Observamos imagens de outros personagens de destaque na história do kuduro: Mc Sebem, Buraka Som Sistema, Titica, dentre outro(a)s.

Assistimos o vídeo “[Kickboxer Jean Claude Van Damme Dance](#)”, mostrando a cena do filme que teria inspirado Tony Amado a criar a gestualidade do kuduro. Também assistimos trechos de uma entrevista com Tony Amado, no vídeo “[Primeira aparição do kuduro na televisão](#)”, onde o mesmo explica como pensou na gestualidade da dança. Além disso, ainda com o apoio de imagens, conversamos sobre o estilo dos kuduristas, que se espalhou por grande parte da juventude angolana, com o uso de roupas coloridas, colares e anéis, óculos escuros, cabelos personalizados etc. Numa das turmas de primeiro ano, essas imagens causaram algumas falas interessantes e que estimularam um diálogo:

Enzo: “Professor, por que todas essas pessoas são morenas?”

Professor: “Enzo, essas pessoas são negras. Em Angola, a maior parte dos habitantes são pessoas negras”.

Nicolas: “Eu sou moreno professor, eu não sou negro. Minha mãe fala que eu sou moreno”.

Aproveitei estas falas para conversar com a turma sobre as nomenclaturas utilizadas para a declaração racial (branco, pardo, preto), como ocorre esta declaração racial, como alguns grupos compreendem o que seria uma pessoa parda, e como alguns termos soam com tom de preconceito: “*Professor meu pai diz que eu sou bronzado*”;

Descobrimos que existem grupos de kuduro que criam coreografias da dança, onde todo(a)s o(a)s membros do grupo dançam com passos iguais. Assistimos o vídeo “[A melhor dança da África para o mundo kuduro](#)” mostrando ocorrências da dança de forma individual e em grupos. Coletivamente, tentamos criar a nossa própria coreografia. As crianças sugeriam alguns gestos que lembravam das aulas anteriores, e outros gestos que inventavam no momento. Cada gesto era repetido seguindo uma contagem de oito, e assim, depois de algum tempo, conseguimos criar a nossa

coreografia. Nestes momentos, participei ativamente da produção junto com os(as) estudantes. Filmei a coreografia³ produzida e pudemos assisti-la na aula seguinte, comparando com as coreografias que vimos nos vídeos. Foram muitas risadas das crianças ao se verem dançando, e elas perceberam que nem todos estavam seguindo os mesmos passos. Muitas crianças disseram que era mais difícil dançar daquela maneira.



Tentei, por meio de redes sociais, encontrar um(a) do(a)s dançarino(a)s que observamos nos vídeos utilizados na aula, para que pudesse compartilhar algumas das suas experiências com o kuduro, elucidar dúvidas dos estudantes, no entanto, não obtive sucesso nessa empreitada. Diante disso, resolvemos finalizar nossa tematização a respeito do kuduro, documentando nosso percurso através de desenhos e frases proferidas pelo(a)s estudantes que ficaram fixadas num mural colado na sala de aula.

Tendo em vista que a nossa proposta era analisar danças africanas, partimos para a análise do semba, outra dança oriunda de Angola. Iniciamos com a análise dos vídeos “Cabelos Brancos- Yuri da cunha - Santos Aurio - Asle Cardoso - Bonifácio Aurio” e “Campeões nacionais de kizomba e semba 2019” mostrando diferentes ocorrências da dança, a fim de fazermos uma leitura inicial desta prática corporal, tendo em vista que nenhum de nós tínhamos contato com ela. O semba, diferentemente do kuduro, é uma dança praticada em par. Foi esse, justamente, o fato que mais cha-

³ Registros disponíveis em: <https://youtu.be/RLZKVqovxJs> e <https://youtu.be/ycjeQd5hdqI>

mou a atenção das crianças. Aproveitamos para analisar o local onde as danças estavam acontecendo e também os gestos produzidos.

As crianças tentaram vivenciar a dança, mas todo(a)s nós percebemos que estava sendo bem difícil.

Nas aulas seguintes, mostrei dois vídeos: “[Sistema Básico 1 \(Aula de semba _ kizomba\)](#)” e “[Sistema Básico 2 \(aula de semba kizomba\)](#)” onde um dançarino angolano explicava passos presentes na dança. Algumas crianças tentaram vivenciar ao mesmo tempo em que observavam os vídeos. Depois, desliguei o projetor, e deixei que as crianças experimentassem a dança, incluindo, ou não, os gestos observados. A dança fluiu um pouco mais se comparada com a nossa primeira vivência.



Analisamos imagens que mostravam um pouco da relação entre o semba e o processo de independência da Angola, a partir do texto “[O semba angolano pré-independência \(1961-1975\): relações entre música e política](#)”, acessado por mim em pesquisa que realizava para compreender um pouco mais desta dança. Também compartilhei com a turma a música “Muxima, do grupo “N’gola Ritmos”, que exaltava questões tratadas na roda de conversa, e tam-

bém trechos do documentário “[Carnaval da Vitória](#)” que contava um pouco deste festejo após a independência de Angola.

Realizamos mais algumas vivências da dança, entretanto, comecei a perceber que o engajamento das crianças com o tema já não era o mesmo e que chegava o momento de finalizarmos essa tematização sobre danças angolanas, para que pudéssemos ainda no restante de ano letivo disponível, iniciarmos um novo estudo.

Como dito anteriormente, o tema do projeto da escola foi definido com vistas à uma culminância no Dia da Família, programado para o mês de dezembro. Sendo assim, como forma de compartilhar e socializar a tematização das danças estudadas, produzi um [vídeo](#) contendo os registros realizados ao longo do processo, além de algumas das imagens analisadas e discutidas ao longo das nossas aulas.